



A ESCOLA DO ROLÊ: POR UMA PEDAGOGIA CIRCULAR

THE SCHOOL OF HANGING OUT: TOWARDS A CIRCULAR PEDAGOGY

LA ESCUELA DE ROLÊ: POR UNA PEDAGOGÍA CIRCULAR

Kleiner Eller de Moura¹

Walter Ernesto Ude Marques²

Resumo

Este artigo foi derivado de uma pesquisa de mestrado que analisou as tensões entre os modelos educacionais presentes no sistema socioeducativo e as práticas escolares desenvolvidas em contextos de liberdade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou observações, análise documental e entrevistas com adolescentes. Na análise dos resultados discutiu-se como o modelo punitivo perpetua a exclusão e o controle, enquanto a "escola do rolê" emerge como espaço de sociabilidade e resistência. Nesse confronto, deparou-se com a necessidade da criação de novos conceitos, por meio de uma pedagogia circular, inspirada na metáfora do rolê, que traz elementos da cultura afro-brasileira, considerando que a população negra prevaleceu nesse território. A discussão do estudo propõe uma abordagem inclusiva, valorizando saberes culturais e experiências dos educandos. A conexão entre o rolê e a circularidade cultural fundamenta práticas educativas transformadoras, desafiando posições e promovendo pertencimento e emancipação. Este estudo defende que uma pedagogia circular não apenas supera a lógica punitiva e linear, mas também responde às demandas de uma sociedade mais equitativa, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais.

Palavras-chave: pedagogia circular; escolarização; medida socioeducativa.

Abstract:

This article was derived from a master's research that analyzed the tensions between the educational models present in the socio-educational system and the school practices

¹ Mestre em Educação pela FaE-UFMG; Pós-graduado em Aconselhamento Bíblico pelo Seminário Teológico Batista de Campinas/SP; Graduado em Serviço Social, Teologia e Licenciatura em Sociologia pela Faculdade De Educação Paulistana / FAEP; Professor de Sociologia/PEB/SEE/MG; E-mail: kleinereler@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0881-5805>.

² Pós-doutor em Psicossociologia Clínica pela UFF; Pós-doutor em Sociologia Política pela UFJF; Doutor em Psicologia pela UnB; Mestre em Educação pela FaE-UFMG; Graduado em Psicologia pela PUC/MG. Professor aposentado/voluntário do Curso de Pós-Graduação PROMESTRE EJA - FaE/UFMG; Pesquisador do Projeto PrEP 15 19 da Faculdade de Medicina da UFMG. E-mail: walterudebh@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5471-4751>.



developed in contexts of freedom. This is a qualitative research study that used observations, document analysis and interviews with adolescents. The analysis of the results presented a discussion on how the punitive model perpetuates exclusion and control, while the "school of hanging out" emerges as a space of sociability and resistance. In this confrontation, the need emerged to develop new concepts, through a circular pedagogy, inspired by the metaphor of "hanging out", which incorporate elements of Afro-Brazilian culture, considering that the Black population prevailed in this territory. The discussion proposed by this study aims for an inclusive approach, valuing cultural knowledge and the experiences of students. The connection between "hanging out" and cultural circularity underlies transformative educational practices, challenging positions and promoting belonging and emancipation. This study argues that a circular pedagogy not only overcomes punitive and linear logic but also responds to the demands of a more equitable society, especially in contexts marked by social inequalities.

Keywords: circular pedagogy; schooling; socio-educational measure.

Resumen:

Este artículo es resultado de una investigación de maestría que analizó las tensiones entre los modelos educativos presentes en el sistema socioeducativo y las prácticas escolares desarrolladas en contextos de libertad. Se trata de una investigación cualitativa que utilizó observaciones, análisis de documental y entrevistas con adolescentes. En el análisis de los resultados se discutió cómo el modelo punitivo perpetúa la exclusión y el control, mientras que la "escuela de solo dar vueltas" emerge como un espacio de sociabilidad y resistencia. En este enfrentamiento, se encontró la necesidad de crear nuevos conceptos, a través de una pedagogía circular, inspirada en la metáfora de solo dar vueltas, que trae elementos de la cultura afrobrasileña, considerando que en este territorio prevaleció la población negra. *la discusión del estudio propone un enfoque inclusivo, valorando los conocimientos culturales y las experiencias de los estudiantes. La conexión entre solo dar vueltas y circularidad cultural sustenta prácticas educativas transformadoras, desafiando posiciones y promoviendo la pertenencia y la emancipación. Este estudio defiende que una pedagogía circular no sólo supera la lógica punitiva y lineal, sino que también responde a las demandas de una sociedad más equitativa, especialmente en contextos marcados por desigualdades sociales.

Palabras clave: pedagogía circular; enseñanza; medida socioeducativa



Introdução

Este artigo foi derivado de uma pesquisa de mestrado que analisou as tensões entre os modelos educacionais presentes no sistema socioeducativo e as práticas escolares desenvolvidas em contextos de liberdade, e busca aprofundar e ampliar o debate referente aos modelos educacionais em contextos de privação de liberdade. Diante da pesquisa realizada, de cunho qualitativo, provoca a necessidade de desenvolver novos conceitos e reflexões, através de uma pedagogia circular como resposta às limitações de uma educação punitivista e vingativa.

O embasamento teórico deste estudo fundamentou-se na perspectiva de Paulo Freire no que se refere à educação libertadora, que defende o diálogo como base para a construção do conhecimento. Além disso, contribuições de autores como Foucault são mobilizadas para problematizar o caráter punitivo das instituições escolares e a criminalização de jovens em situação de vulnerabilidade. No que tange à pedagogia circular, fundamentou-se em posições defendidas pela epistemologia da decolonialidade que procura criar alternativas por dentro da cultura originária e não com suposições teóricas eurocêntricas que se mostram descontextualizadas frente ao contexto histórico-cultural dos sujeitos pertencentes ao Hemisfério Sul (Maldonado-Torres, 2008; Akotirene, 2023; Mota Neto, 2016).

A metodologia, na pesquisa original, incluiu observações de campo, análise documental e entrevistas semiestruturadas com adolescentes em medida socioeducativa. Foi desenvolvida em uma Unidade Socioeducativa de Internação vinculada à Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais, situada na região metropolitana de Belo Horizonte. O estudo ocorreu entre março e novembro de 2023, envolvendo jovens do sexo masculino com idades entre 13 e 18 anos, em cumprimento de medida socioeducativa. De natureza qualitativa, sustentou-se na observação participante, na análise documental e na realização de entrevistas semiestruturadas com os adolescentes, buscando compreender suas percepções sobre a escolarização e o sentido do aprender em privação de liberdade. O olhar do pesquisador, que se constitui também como educador atuante no próprio espaço socioeducativo, emerge do compromisso ético e político com a transformação social. Esse lugar de fala, situado na intersecção entre a docência e a prática socioeducativa, permitiu compreender o cotidiano escolar a partir de uma perspectiva implicada, dialógica e crítica, valorizando as experiências e narrativas dos sujeitos da pesquisa. As informações construídas revelaram, particularmente, os sentidos que os jovens atribuem à escolarização e às práticas pedagógicas numa unidade socioeducativa, os quais trouxeram outros significados para uma prática educativa libertadora.

O texto destaca a “escola do rolê” como um espaço de sociabilidade e transformação e a necessidade de inclusão de novos conceitos, articulados com a pedagogia circular, no intuito



de ampliar a compreensão sobre a valorização dos saberes e vivências dos educandos. O termo *rolê*, aplicado em sua profundidade cultural e histórica, é ressignificado para simbolizar pertencimento e resistência, já que a matriz afrodiaspórica se fundamenta na vida coletiva e comunitária, se organiza por uma hierarquia circular, traz a alegria como elemento aglutinador, a musicalidade, a oralidade, a ancestralidade, e outros conteúdos na sua epistemologia (Souza, 2016). Desse modo, este estudo representa um convite à reflexão sobre como práticas educativas baseadas no diálogo e na coletividade podem responder aos desafios do presente, promovendo um ambiente mais participativo e emancipador, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais.

A educação constitui um direito fundamental e uma ferramenta essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. No entanto, para os adolescentes em situação de conflito com a lei, em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade, o acesso à educação assume uma dimensão ainda mais complexa e desafiadora (Costa, 2004).

A relevância deste estudo reside na necessidade urgente de reavaliar as políticas educacionais aplicadas nas unidades de privação de liberdade, reconhecendo a educação como um direito inalienável e um meio de transformação social (Sangenis; Sangenis, 2008). Partindo de um princípio freiriano, que tem como um dos seus pilares a reflexão crítica diante da realidade compartilhada, este trabalho propõe discutir o significado dos modelos da “escola punitiva” em confronto com a “escola do rolê” por meio da percepção dos adolescentes (Prata, 2005). Sendo assim, no próximo item apresentamos as tensões observadas nesse território em que se deu a investigação.

Entre a escola punitiva e a escola do rolê: transformando a educação em contextos de privação de liberdade

A “escola punitiva” refere-se a uma abordagem educacional que prioriza a disciplina linear e a conformidade, muitas vezes em detrimento do desenvolvimento crítico e criativo dos alunos. Esse modelo tende a perpetuar a lógica punitivista do sistema de justiça juvenil, no qual, em uma visão utilitarista, a educação é tratada como mais uma forma de controle e correção de comportamentos tidos como transgressores às normas institucionais (Prata, 2005).

Por outro lado, a “escola do rolê” emergiu como uma contraposição a esse modelo corretivo, como uma estratégia que se utiliza de uma pequena brecha que possibilita o contato com os parceiros, como um momento de partilha e “zoação”, embora sob o olhar dos agentes de segurança. É importante frisar que o termo *rolê* apresentou-se como um termo muito utilizado entre os adolescentes pesquisados, constituindo um componente linguístico significativo do dialeto expresso naquele território. Na verdade, neste trabalho, a presença



do educando na "cela de aula"³ é imposta como uma determinação jurídica de cumprimento da pena, não como uma experiência educativa de pertencimento e diálogo.

O antagonismo entre os termos "cela de aula" e "escola do rolê" reflete a dualidade entre um espaço de controle, repressão e cumprimento obrigatório de normas e a possibilidade de liberdade, sociabilidade e ressignificação da experiência educativa.

O conceito "escola do rolê" ganha ainda mais relevância ao considerarmos as raízes históricas e culturais do termo rolê (Nogueira *et al.*, 2007; Dicio.com.br, 2024; Priberan.org, 2024), amplamente empregado no Brasil para descrever passeios, saídas ou atividades de lazer. Entretanto, sua origem é profunda e carrega significados ligados a matrizes culturais africanas e indígenas. Embora, etimologicamente, esteja associado ao francês *roulé* e ao movimento circular da capoeira, sua aplicação transcende a literalidade. Na capoeira, rolê é um movimento circular que reflete a filosofia da circularidade presente nas tradições africanas, demonstrando o processo e a fluidez das interações sociais e culturais. Essa circularidade, que também se manifesta em sistemas educativos e sociais inspirados em matrizes africanas, é apontada como uma forma de confrontação com o pensamento eurocêntrico por meio de um "giro decolonial", conforme destacado por Maldonado (2008). Nesse sentido, círculos de leitura, rodas de conversa, assembleias, danças circulares (samba, capoeira, hip hop, black soul, dentre outras) são desenhos de uma configuração circular.

Na capoeira, como em outras expressões culturais afro-brasileiras, como o *rap*, o samba e o movimento *black soul*, o rolê simboliza a liberdade de transitar por diferentes espaços e contextos, trazendo consigo a subjetividade da diáspora africana. Essa perspectiva circular também se manifesta em práticas cotidianas, como a circulação na cidade ou em ambientes educacionais, em que o conceito está intrinsecamente ligado à noção de pertencimento e à resistência cultural. Autores e pesquisadores da cultura afro-brasileira ressaltam a beleza e a importância de não invisibilizar essa origem, que conferem ao termo rolê uma profundidade muitas vezes ignorada, mas essencial para compreender sua relação com a identidade afro-diaspórica. Essa conexão entre o rolê e a circularidade cultural fornece o pano de fundo ideal para compreender como a pedagogia da circularidade se fundamenta nessas mesmas bases, ressignificando práticas educativas e sugerindo uma abordagem transformadora no ambiente escolar.

A pedagogia da circularidade (Coelho, 2023) representa uma abordagem educacional que promove um ambiente de aprendizagem colaborativa e dinâmica, no qual o conhecimento é compartilhado e a sabedoria coletiva é valorizada. Inspirada nas teorias de Paulo Freire (1967, 1970, 1983, 1996), essa metodologia desafia estruturas tradicionais ao cultivar a troca de saberes em espaços democráticos e participativos, promovendo uma aprendizagem

3. Cela de aula: Expressão para descrever o ambiente de aprendizagem em unidades socioeducativas ou prisionais, percebido pelos adolescentes como uma extensão da punição e da vigilância. O termo "cela de aula" reflete a fusão simbólica entre a "sala de aula", associada à educação, e a "cela", que evoca confinamento e controle, destacando a presença de grades e segurança constante.



significativa e transformadora. Ao contrário do modelo educacional hierárquico linear e vertical, a circularidade busca eliminar a relação de poder desigual entre professor e aluno, estabelecendo um diálogo contínuo e respeitoso, no qual todos são vistos como contribuintes importantes no processo educativo. Essa prática regular promove a interconexão e a interdependência de todos os envolvidos no ato de aprender, constituindo-se uma resposta inovadora para uma educação mais equitativa, empática e eficaz.

Em conexão com o termo rolê, que simboliza movimento, circularidade e sociabilidade, essa pedagogia resgata as interações comunitárias e culturais, especialmente em contextos afro-brasileiros e indígenas, com foco na implicação das pessoas, em termos afetivos e da construção de projetos pessoais e coletivos, pelo sentido de pertencimento e da ressignificação do espaço educacional. Para os dias de hoje, a pedagogia da circularidade se apresenta como uma ferramenta relevante para construir redes de empatia, inclusão e respeito à diversidade, respondendo às demandas de uma sociedade que busca superar desigualdades e promover a equidade educacional.

Tensões de um paradoxo institucionalizado: entre o controle punitivo e a ressignificação sociocultural

As tensões reveladas entre a “escola punitiva” e a “escola do rolê” são aqui discutidas como mais um paradoxo instituído pelo sistema, tendo como parâmetro um olhar crítico sobre as estruturas de poder e as relações de controle dentro das instituições educacionais (Foucault, 1987), bem como os processos de resistência produzidos pelos adolescentes nos horários da “cela de aula”. Sobre esse aspecto, Michel Foucault representa um dos principais teóricos a abordar essa temática em um debate que fornece uma fundamentação contundente para entender como o poder e a disciplina são exercidos nas escolas (Costa, 2004).

A “escola punitiva” é caracterizada por uma forte ênfase na disciplina linear, que não reconhece as subjetividades constitutivas do território, baseada em um racionalismo que evidencia a ordem como princípio para produzir respostas homogêneas e previsíveis na operação do controle do sistema. Esse modelo educacional aplica regras rígidas, sanções e uma estrutura hierárquica vertical para manter a subalternização de camadas criminalizadas dentro de um contexto carcerário. Nesse sentido, a disciplina é vista como um fim em si mesma, ao invés de um meio para delimitar fronteiras, direitos e deveres compartilhados em práticas de participação coletiva, nas quais se estabelecem as noções de normas e leis reguladoras da convivência grupal (Prata, 2005).

O panoptismo se faz presente, como mostra a perspectiva foucaultiana, por meio de uma vigilância ostensiva baseada em visões colonialistas, que tratam aquelas pessoas como seres perigosos e primitivos e que, por causa desse estereótipo, demandam um olhar de



suspeição permanente. Esse mecanismo de vigilância serve tanto para monitorar comportamentos quanto para internalizar normas de postura nos alunos, levando-os a se autodisciplinarem (Sangenis; Sangenis, 2008). Esse aspecto representa um conteúdo a ser abordado nas reflexões educativas quando se propõe uma pedagogia circular, conscientizadora e emancipatória, tornando-se um rolê entre educadores e adolescentes. Ou seja, a apropriação dessa prática passa a constituir um momento de resistência e transgressão, convertendo-se em um processo de aprendizagem construído pelos estudantes em uma condição de aprisionamento, como um possível caminho de se libertar de algumas amarras.

O autor Michel Foucault, em sua obra intitulada *Vigiar e punir: Nascimento da Prisão* (1987), explora a evolução das práticas punitivas e disciplinares na sociedade ocidental, fornecendo uma importante análise para entender o papel da disciplina nas instituições educacionais. O perigo da introjeção desses processos, que configuram opressão na constituição da subjetividade desses adolescentes, se estabelece em trocas violentas que são institucionalizadas dentro do mundo criminalizado. Não é por acaso que se adotam termos como “soldados”, “gerentes” ou “patrões” no mercado de varejo de substâncias psicoativas. Para Foucault (1987), as escolas, como as prisões, hospitais e quartéis, são instituições que funcionam como dispositivos de controle social.

Os corpos docente e discente necessitam discutir esses mecanismos de forma compartilhada, pois os agentes do sistema também estão sob vigilância e reproduzem essa lógica punitiva. Na verdade, esses processos se estendem para além das instituições do sistema socioeducativo, pois a internalização do opressor passa a ser um componente subjetivo que se expressa nas relações sociais. Além disso, Foucault destaca a interseção entre punição e educação. Ele observa que as técnicas de punição evoluíram para incluir elementos pedagógicos, os quais objetivam não apenas punir, mas também reeducar e reformar o comportamento dentro de um modelo programático. No contexto da “escola punitiva”, isso significa que a punição é frequentemente justificada como necessária para o aprendizado e o desenvolvimento moral dos alunos (Foucault, 1987). Outros autores, de matriz eurocêntrica, porém críticos ao modelo de escolarização no mundo ocidental, também se posicionam contra essa perspectiva escolar punitivista, como Pierre Bourdieu, Antonio Gramsci e Ivan Illich, abordados, de forma breve, nos próximos parágrafos.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu, em sua análise das instituições educacionais, enfatiza como o sistema educacional perpetua as desigualdades sociais pelo que ele chama de “violência simbólica”. Esse modelo corretivo se estabelece por diferentes práticas que violentam a subjetividade dos estudantes, quando, por exemplo, os alunos são forçados a internalizar normas e valores dominantes que muitas vezes estão em desacordo com suas próprias culturas e identidades (Nogueira; Catani, 1998).

Para Gramsci (2006), a ideia de reconhecer a hegemonia cultural, imposta nas relações sociais pelo sistema capitalista, representa um aspecto relevante para o diálogo com esse autor, a fim de se entender como as escolas modernas e ocidentais impingem estereótipos. Esses mecanismos estruturais classificam determinados grupos como superiores e dominantes e outros como inferiores, destinados ao exercício de atividades produtivas na



base da engrenagem industrial. A criminalização dos adolescentes periféricos ilustra bem esse sistema classificatório. Para enfrentá-lo e desconstruir esse modelo hierárquico, Gramsci propõe movimentos contra-hegemônicos, os quais questionam essas hegemonias prescritas e propõem modelos mais horizontais e inclusivos, como, por exemplo, a ideia de uma pedagogia circular aqui discutida.

Já para Ivan Illich, em sua obra "Sociedade sem escolas" (2018), as instituições educacionais tradicionais foram constituídas para forjar processos de submissão em resposta aos interesses do poder e do controle social. Sua proposta coaduna-se com a perspectiva anarquista ao defender a desescolarização da sociedade, por entender que são instituições para produzir processos de subalternização.

O distanciamento da escola e o deslocamento para o narcotráfico: contrastes entre a educação formal e a busca por reconhecimento social

A cultura escolar, enfatizada acima a partir de diferentes autores, parece distante do mundo dos adolescentes e acaba distanciando-se ainda mais a partir da inserção na criminalidade, como fora observado neste estudo. De acordo com Bourdieu (2008), são excluídos os jovens que não vivenciam no meio familiar as vantagens culturais experimentadas por filhos de classes mais abastadas. Para o autor, a ação do meio familiar sobre o êxito escolar não pode ser negada. O nível cultural da família mantém relação estreita com o desempenho escolar da criança. A vida dos entrevistados mostra que seus pais frequentaram a escola por um breve período, fazendo parte de coletivos que não garantiram o acesso à educação oficial. Alguns adolescentes relatam o analfabetismo da mãe e de avós, realidade ainda bem presente na sociedade brasileira. O ambiente seletivo das escolas produz a ideia de que a dificuldade escolar é da responsabilidade exclusiva do estudante, conforme Bourdieu (2008).

Esses mecanismos seletivos são introjetados na dinâmica social e se operam nos estabelecimentos de ensino, tornando-se, na maioria das vezes, amplamente aceitos pelas crianças vítimas de tal seletividade e pelas famílias, uma vez que ela parecia apoiar-se exclusivamente nos dons e méritos eleitos, e uma vez que aqueles que a escola rejeitava ficavam convencidos de que eram eles que não queriam a escola (Bourdieu; Champagne, 2014, p. 219).

Essa responsabilização individualizada pelo fracasso escolar acaba sendo introjetada pelos estudantes, como se pode notar no relato de um adolescente participante da pesquisa, que afirmou ter decidido abandonar os estudos após comunicar à mãe que, se fosse obrigado a estudar, continuaria "matando aula". Simbolicamente esse "matar aula" representava a própria morte de uma possibilidade de acesso a um direito social que lhe fora negado. Apesar



de, ocasionalmente, vislumbrar voltar aos estudos, ao observar os irmãos frequentando a escola, concluiu que isso (estudar) "não era para ele". Posteriormente, o jovem acabou retomando os estudos dentro da unidade socioeducativa, evidenciando como o contexto de privação de liberdade, muitas vezes, torna-se o único espaço possível para essa retomada dentro de contradições que reproduzem a mesma lógica exclusivista.

Alguns adolescentes enfatizavam a ideia de que a escola não é para eles, que o ambiente escolar não lhes pertence e por esse motivo acreditavam que abandonariam os estudos e não continuariam na escola quando fossem desligados da medida de internação. Atrelada a essas motivações, a entrada no crime acaba sendo inevitável para o abandono definitivo da escola, depois de idas e vindas no ambiente escolar. Confirmando essa perspectiva, leia-se abaixo o relato do adolescente sobre como a inserção na criminalidade contribuiu ainda mais para seu distanciamento da escola.

[...] Porque eu comecei a envolver com os caras lá. Aí eu nem tinha tempo de ir pra escola, não. Tinha o plantão. Tem dia que pega de sete da manhã até as quatro da tarde, aí tem cara que pega das quatro da tarde até as dez horas da noite. Aí tem neguim que fica só duas horas porque já tem mais tempo na quebrada, eles fica só duas horas, porque aí eles não precisa mais de vender, não. Aí, tem neguim que fica de madrugada. Por exemplo, eu estudava de noite, sete horas, aí eu ficava de quatro horas até meia noite, onze horas. Até que poderia estudar, mas é que troca de plantão toda mão. (Francisco)

Na fala do adolescente citado acima nota-se a interseção do trabalho infanto-juvenil desprotegido no processo de escolarização; ou seja, a necessidade de sobrevivência e o acesso ao mundo do trabalho se dá de forma vulnerabilizada numa lógica produtiva que explora os excedentes da ralé. Outros adolescentes refletiram sobre as dificuldades em conciliar a chamada "vida loka"⁴ com a escola, destacando a incompatibilidade entre o envolvimento no crime e a continuidade dos estudos. Para eles, situações de conflito, como as chamadas "guerras", proporcionam uma dedicação integral ao crime ou à necessidade de deixar suas comunidades para buscar uma vida diferente. Muitos afirmaram que o envolvimento no narcotráfico os afastava definitivamente da escola, devido à exigência de horários extensos e plantões diários, que impossibilitavam o comparecimento regular às aulas. Alguns disseram que, mesmo antes de ficarem presos, já haviam abandonado os estudos, enxergando a escola como um espaço irrelevante ou simplesmente um local para "zoar". Essa visão foi reforçada por experiências de desinteresse e pela percepção de que as atividades escolares não ofereceram oportunidades reais de mudança ou pertencimento. Nesse ponto, é importante destacar que os termos bando, bandido e abandono possuem a mesma raiz etimológica como nos aponta Agamben (2010), indicando que a localização fora de grupos sociais protetivos produz exposição ao banimento de acessos à cidadania.

⁴ Vida loka é uma expressão popular para descrever um estilo de vida marcado por desafios constantes, situações de risco e envolvimento com atividades ilícitas ou marginais. A escrita com "k" é uma forma estilizada, comum em gírias urbanas, especialmente em grupos marginalizados.



Dentro desse contexto criminalizante, alguns adolescentes mencionaram que o ambiente escolar era estratégico para o mercado de venda a varejo de substâncias psicoativas, principalmente no horário noturno. O acesso a festas, ao consumo de roupas e a um status de reconhecimento na comunidade potencializam esse empreendimento.

A participação nas atividades ligadas ao tráfico de drogas se configura em uma possibilidade concreta de trabalho para muitos jovens, em especial os que possuem menos oportunidades no mercado formal. É possível identificar algumas disposições entre os jovens traficantes: a busca do ganho fácil, do acesso ao consumo de bens e serviços valorizados socialmente.[...]. Trabalhar no tráfico permite a integração a um sistema global de símbolos, redes e circuitos urbanos, estilos e formas de identificação que conferem status entre jovens e na comunidade local. [...] viver possibilidades de realização mais banais do cotidiano contemporâneo, de consumo e status intensos e fugazes que o dinheiro do tráfico pode proporcionar (Trassi; Malvasi, 2010, p. 75).

A possibilidade de inserção no mercado de trabalho não oficial, especialmente no tráfico de drogas, confronta-se com a percepção de que a escola não oferece condições reais para uma vida melhor, resultando em um sentimento de desânimo em relação à escolarização. Essa visão é agravada pelas repetências enfrentadas pelos adolescentes ao longo de suas trajetórias escolares, as quais enfraqueceram os vínculos construídos nos primeiros anos de estudo. Um dos participantes relatou que repetiu várias séries, desde a primeira, devido à falta de motivação e ao rótulo de portador de comportamento desviante. Outro adolescente disse ter repetido a quarta série duas vezes, período em que costumava "matar aula", pular o muro da escola e envolver-se em atividades recreativas fora do ambiente escolar. Um terceiro relato destacou a repetência na sétima série, atribuída a um ciclo de evasão, envolvimento com substâncias psicoativas e falta de comprometimento com os estudos. Essas experiências reforçam uma desconexão entre os adolescentes e a escola, marcada por uma percepção de inadequação e pela falta de perspectivas no ambiente educacional.

A pedagogia circular como alternativa ao modelo punitivo: ressignificando a experiência escolar

Em contraponto ao que se verifica neste trabalho, Freire defende a educação como um ato de liberdade e emancipação. Em sua obra "Pedagogia do oprimido", ele propõe um modelo educacional baseado no diálogo e na conscientização, no qual professores e alunos aprendem juntos em um processo de coconstrução do conhecimento. Na sua perspectiva, a educação deve promover a reflexão crítica e a transformação social, valorizando a cultura e



a experiência dos alunos (Freire, 1970). No entanto, esse modelo freiriano se mostrou como uma possibilidade distante naquele ambiente de aprisionamento.

Outros três participantes destacaram aspectos importantes para compreender os sentidos atribuídos à escolarização em privação de liberdade. Entre eles, Luan (nome fictício) apresentou uma reflexão significativa ao comparar a prática pedagógica dentro e fora da unidade de internação. Para ele, estudar fora seria uma experiência mais proveitosa, pois a rotina na unidade, marcada pela constante presença dos agentes e pela privação de liberdade, dificulta a motivação para aprender. Luan explicou que, dentro da unidade, a educação não parece oferecer resultados concretos, sendo percebida mais como uma obrigação associada à dinâmica do sistema socioeducativo. Ele afirmou, por exemplo, que sua frequência às aulas era motivada principalmente pela possibilidade de acesso a outras atividades, como a ida à quadra esportiva. Aqui se observa como o rolê produz momentos de sociabilidade nas brechas da vigilância.

Além disso, Luan ressaltou que estudar fora da unidade representaria um incentivo adicional, pois permitiria vivenciar a escola como um espaço de resultados tangíveis, como aprovação e progresso acadêmico, algo que ele não percebe na experiência dentro do sistema. Para ele, a educação fora da privação de liberdade oferece oportunidades reais de aprendizado e crescimento, enquanto dentro da unidade, o processo escolar é visto como uma mera formalidade ou um cumprimento de determinação judicial, sem impacto significativo em sua trajetória educacional.

Embora o direito à educação esteja hipoteticamente garantido em lei, a realidade educacional vivenciada pelos adolescentes está bem distante desse dispositivo jurídico. O papel seletivo da escola reproduz as hierarquias sociais, considerando relações de gênero, raça, classe, identidades e sexualidades, conforme a sociedade está organizada segundo Bourdieu (2008).

[...] aqueles que a Escola não queria acabavam convencendo-se (graças à própria Escola) que não queriam a Escola. A hierarquia das ordens de ensino, e especialmente a divisão extremamente clara entre o primário (então os "primários"), e o secundário, mantinha uma relação direta de homologia com a hierarquia social; e isso contribuía bastante para convencer aqueles que não se sentiam feitos para a Escola, de que eles não eram feitos para as posições às quais a Escola dá (ou não) acesso, isto é, as profissões não manuais, e especialmente as posições dirigentes dentro destas profissões (Bourdieu, 2008, p. 481-482).

Nesse sentido, a visão de Luan fortalece a análise de que a experiência educacional em privação de liberdade carece de qualidade e envolvimento significativo por parte dos profissionais. Ele destacou que, na escola em liberdade, os professores demonstravam maior dedicação, passando a matéria de forma mais clara e eficaz, enquanto, na unidade socioeducativa, a prática pedagógica parecia limitada a cumprir formalidades, sem o mesmo compromisso com o aprendizado. Luan enfatizou que, no contexto da privação de



liberdade, a educação é percebida como uma obrigação burocrática, o que contribui para a sensação de desinteresse e desconexão com o processo educativo.

Outro jovem, o Jonas (nome fictício), também apontou limitações na experiência educacional dentro do sistema socioeducativo, destacando o curto tempo destinado às aulas como uma barreira para o aprendizado significativo. Ele sugeriu que um horário mais extenso poderia tornar as atividades escolares mais úteis, permitindo maior absorção do conteúdo. Apesar disso, Jonas participou de algumas atividades, como assistir a filmes ou reportagens, trazendo momentos pontuais de interesse e aprendizado. Ambos os relatos revelam que a escolarização em privação de liberdade não fornece as condições ideais para que os adolescentes percebam a educação como um meio de transformação, ratificando a necessidade de uma revisão nas práticas pedagógicas renovadas nessas unidades.

A partir da opinião de Jonas, é possível perceber a necessidade de “reformulação do modelo de atendimento fundamentado na prevalência da ação socioeducativa” (Zeitoune, 2014, p. 287). Na perspectiva desse autor, o adolescente, colocado em privação de liberdade e submetido a apenas sanções, não terá possibilidade de se tornar “sujeito implicado nas suas ações e responsabilizado por elas”. Nesse depoimento, como em outros colhidos, ficou evidente a tensão entre a “escola punitiva” e a “escola do rolê”, já que, naquele contexto de aprisionamento, a sobrevivência exigia mecanismos de resistência que aconteciam nas lacunas do sistema.

As disparidades entre a escola de fora e a escola de dentro do sistema, principalmente quando se observam as instituições voltadas para as classes mais abastadas, são apontadas por pesquisas referentes ao âmbito da educação escolar. Esse processo é reforçado pela crença de que a escola tradicional representa o único ambiente capaz de propiciar educação de qualidade. Nesse aspecto, Silva (2007) faz a seguinte discussão:

Como a escola transmite a ideologia? A escola atua ideologicamente através de seu currículo, seja de uma forma mais direta, através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sociais existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia, por exemplo; seja de uma forma mais indireta, através de disciplinas mais “técnicas”, como Ciências e Matemática. Além disso, a ideologia atua de forma discriminatória: ela inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e a controlar. Essa diferenciação é garantida pelos mecanismos seletivos que fazem com que as crianças das classes dominadas sejam expelidas da escola antes de chegarem àqueles níveis onde se aprendem os hábitos e habilidades próprios das classes dominantes (Silva, 2007, p. 31-32).

Confrontando essa perspectiva escolarizante que apresenta paradoxos entre o sistema socioeducativo e as escolas “lá de fora”, Luan relatou sua percepção sobre a diferença entre estudar dentro ou fora da unidade. Ele destacou que estudar fora representaria um vislumbre de liberdade, algo que ele associava a uma experiência mais enriquecedora, mesmo em cumprimento de medida. Para ele, o ambiente externo possibilitaria uma maior conexão com a realidade e oportunidades tangíveis, enquanto a escolarização dentro da



unidade, ainda que cumprisse seu papel formal, não parecia assegurar os mesmos resultados práticos ou a sensação de progresso. Essa visão sintetiza os dilemas enfrentados pelos adolescentes na privação de liberdade e reafirma a necessidade de repensar práticas educacionais que transcendem os muros das unidades socioeducativas, conectando a escola a experiências mais inclusivas e transformadoras. Na verdade, um paradoxo entre a escola de dentro que restringe e a escola de fora que, juridicamente, deveria ser um projeto de afirmação para todas as populações, mas que se estrutura pela seletividade para responder aos padrões hegemônicos do sistema capitalista.

Considerações finais

A análise apresentada corrobora a necessidade de uma abordagem educativa que ultrapasse o caráter punitivo e promova a inclusão e a emancipação dos jovens em medidas socioeducativas. Por todo o exposto, fica evidenciado que a pedagogia circular, baseada no diálogo e na valorização das experiências dos adolescentes, surge como uma alternativa promissora para enfrentar os desafios educacionais impostos pelo sistema socioeducativo, de modo a transformar a escola em um espaço de ressignificação e construção de projetos de vida.

Ao valorizar a circularidade, o diálogo e a troca de saberes, essa abordagem oferece uma contraposição à lógica punitiva e individualizante que marca a "cela de aula". Ela reforça o poder da coletividade e do pertencimento, elementos frequentemente ausentes no ambiente socioeducativo, ao promover um espaço onde a educação é vivida como prática de liberdade e emancipação. A defesa dessa pedagogia transcende uma simples crítica ao modelo tradicional ao propor uma ressignificação da educação, especialmente para adolescentes em privação de liberdade, permitindo-lhes não apenas aprender, mas também se perceberem como sujeitos de direitos e atores de sua própria história. Assim, a pedagogia circular reafirma seu papel transformador, tanto no contexto do sistema socioeducativo, quanto em uma perspectiva para uma educação mais inclusiva e humanizadora, necessária em uma sociedade marcada por desigualdades sociais.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra, 2023.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In*: BOURDIEU, P. **A Miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (Orgs.). **Escritos de educação**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 217–227.

CATANI, Afrânio Mendes (Org.). **Escritos de Educação**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 245-255

COELHO, Luiz Henrique Fernandes. A pedagogia da circularidade: tecendo redes de conhecimento entre educadores. (En)**Cena** – A Saúde Mental em Movimento, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/a-pedagogia-da-circularidade-tecendo-redes-de-conhecimento-entre-educadores/> Acesso em: 7 dez. 2024.

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 18, n. 1, p. 161-167, jan./mar. 2004.

DICIO – **Dicionário Online de Português**. Verbete: rolê. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/role-2/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.



HADDAD, Sérgio. **O Educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A descolonização e o giro decolonial. **Tábula Rasa**, n. 9, pág. 61-72, jul./dez. 2008. Disponível em:

<https://www.revistatabularasa.org/numero09/la-descolonizacion-y-el-giro-des-colonial/>.

Acesso em: 7 dez. 2024.

MOTA NETO, João Colares. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

MOURA, Kleiner Eller de. **Adolescências e escolarização de uma unidade socioeducativa**: alguns paradoxos entre a escola punitiva e a escola do rolê. 2024. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

NOGUEIRA, Marco Aurélio; OLIVEIRA, João Batista de; NEVES, Joel Moreira. **Juventude e território**: cultura e identidade. São Paulo: Cortez, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRATA, Maria da. Silva. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, 2005.

PRIBERAM – **Dicionário Online de Português**. Verbete: rolê. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/rol%C3%AA>. Acesso em: 7 dez. 2024.

SANGENIS, Antônio. Luiz. Catelan Caldas., SANGENIS, Luiz. Felipe Coelho. **Instrução pública, disciplina e controle escolar**: notas à margem das Conferências Pedagógicas do Rio de Janeiro. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2008.



SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Dimas Antônio de. **Campo de Mandinga**: fundamentos estéticos, éticos e políticos da Capoeira Angola. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2016 (Tese de Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

TRASSI, Maria de Lourdes; MALVASI, Paulo Artur **Violentamente pacíficos**: desconstruindo a associação juventude e violência. São Paulo: Cortez, 2010.

ZEITOUNE, Cristina da Mota. "Projeto Diálogos"- Desenvolvendo potenciais e alinhando ações: relato de uma experiência com os profissionais no sistema socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro. *In*: FALCADE-PEREIRA, I. A.; ASINELLI-LUZ, A. **O espaço prisional**: estudos, pesquisa e reflexões de práticas educativas. 1. ed. Curitiba: Appris. 2014. p. 285-294.

A Revista Interdisciplinar Sulear declara que os(as) autores(as) são responsáveis pela revisão textual, tanto da Língua Portuguesa, das línguas estrangeiras e das normas e padronizações vigentes.

Recebido em: 28/3/2025

Aprovado em: 13/10/2025